

## O OBJETO DIRETO ANAFÓRICO NO PORTUGUÊS DE ANGOLA

**Jacilene da Silva Souza<sup>1</sup>; Eliana Pitombo Teixeira<sup>2</sup>**

- (1) Bolsista IC/FAPESB, Graduanda em Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana Vernáculas. e-mail: jacilleney\_@hotmail.com
- (2) Professora do Departamento de Letras e Artes (DLA), Universidade Estadual de Feira de Santana. e-mail: liapitombo@gmail.com

**PALAVRAS-CHAVE:** português angolano; português brasileiro; objeto nulo.

### **INTRODUÇÃO**

Nesse estudo, busca-se conhecer as estratégias de retomada do objeto direto no português de Angola (PA). São muitos os estudos sobre o tema desenvolvidos sobre o português do Brasil (DUARTE, 1989; CYRINO, 1993; FIGUEIREDO, 2004) entre outros, e todos apontam para uma preferência de uso do objeto nulo, isto é, a ausência do pronome no caso da retomada do referente.

Várias pesquisas têm apontado para um avançado processo de mudança no PB, com a substituição do pronome oblíquo (o,os,a,as), também denominado “clítico acusativo”, por outras estratégias de preenchimento do objeto, a saber, por uma categoria vazia pronominal (CV), pelo pronome na forma nominativa (ele e suas flexões) ou mesmo pelo uso de sintagmas nominais plenos como estratégia de esquiva (DUARTE, 1986 e 1989).

Levando em conta o fato de que tanto no Brasil quanto em Angola, países para os quais o português foi transplantado, a colonização se deu numa situação de multilinguismo e sob a influência de línguas africanas, nos propomos a verificar as estratégias usadas no português popular de Angola e assim, melhor compreender a formação do português brasileiro.

### **METODOLOGIA**

A presente pesquisa segue os pressupostos metodológicos da Teoria da Variação e Mudança, ou Sociolinguística Quantitativa, conforme formulada por William Labov (1972). Tal modelo possui uma metodologia que dá conta da variação nas línguas e busca estabelecer fatores linguísticos e extralinguísticos que possam condicionar o uso de certas variantes. Tal teoria entende a língua como um fato sociocultural, incorporando a descrição de fenômenos variáveis como parte da descrição da língua, cuja heterogeneidade não é arbitrária, mas sistemática, inerente ao sistema e determinada linguística e/ou extralinguisticamente de forma predizível, ou seja, assume-se o postulado de que a variação não é aleatória, mas sim governada por restrições linguísticas e não linguísticas (MOLLICA & BRAGA, 2003)

Os dados aqui utilizados fazem parte do banco de dados do projeto “Em busca das raízes do português brasileiro”, coordenado pela professora Eliana Pitombo Teixeira, professora da Universidade Estadual de Feira de Santana, e foram coletados em Luanda, no ano de 2008.

Foram analisados 64 dados de objeto direto anafórico, na fala de informantes de ambos os sexos, sendo 10 analfabetos ou com pouca escolaridade e 9 com nível superior concluído ou em curso, cujas línguas maternas são o português ou as línguas nacionais de Angola. Assim, estabelecemos como variáveis extralinguísticas: escolaridade, sexo, faixa etária e língua materna. As variáveis linguísticas testadas são .

### **RESULTADOS**

A análise seguiu os pressupostos do modelo variacionista (Labov 1972), e foi realizada com o auxílio do programa GOLDVARB. Apresentamos na tabela 1 abaixo o número total de ocorrências de cada variante.

<b>Variantes</b>	<b>Número</b>	<b>Porcentagem</b>
Nulo	38	61
Clítico	17	27
SN lexical	7	11
Pronome nominativo	2	1
<b>Total</b>	<b>64</b>	<b>99</b>

Tabela1: Número e porcentagem de objetos diretos anafóricos no português falado em Luanda

Ao submetermos nossos dados às rodadas, constatamos que o objeto nulo é a estratégia mais utilizada na realização do objeto direto anafórico (61%) com 38 ocorrências, seguida do CL (27%) em 17 dados, e do SN Lexical (11%). As 7 ocorrências de pronome lexical tão bem como as duas do pronome nominativo eram insuficientes e contribuíram para os *KnockOuts*, o que nos fez optar por retirá-las.

#### Variáveis selecionadas

Com a obtenção do resultado geral, partimos para a segunda rodada. Nessa rodada, foram selecionados três fatores: escolaridade, estrutura da sentença e animacidade do referente.

Verificou-se que a escolaridade é o fator que mais favorece o uso do objeto nulo, isto é, a ausência do pronome no caso da retomada do referente. Como é possível notar, os não escolarizados mostraram uma preferência pelo objeto nulo, com peso relativo de .86, enquanto que para os universitários o peso relativo é .19.

Inicialmente, os dados foram codificados tendo em vista as seguintes estruturas: uma simples (V+OD (SN) ) e duas complexas, sendo uma com SP (V+OD (SN)+SP (OI/LOC) ), e outra com predicativo (V+OD (SN) PRED. Por não ter havido ocorrências da estrutura complexa com predicativo, esse fator foi descartado. Quanto à estrutura da sentença, o objeto nulo é favorecido pela estrutura simples, com peso relativo de .60, distanciando-se da estrutura complexa com SP, que teve o peso relativo de .23.

#### Variáveis não selecionadas

Conforme foi dito acima, três grupos de fatores foram selecionados pelo programa GoldVarb: Escolaridade, Estrutura da sentença e animacidade, sendo os demais descartados. Apesar de o programa rejeitar essas variáveis, seus resultados merecem ser analisados.

Ao compormos a distribuição das variantes segundo tempo e forma verbal, optamos por trabalhar com as seguintes: pretérito imperfeito, pretérito perfeito, futuro, subjuntivo, formas nominais, presente do indicativo e formas compostas. Após a rodada, verificamos que apenas quatro formas/tempos apresentavam variação sendo elas: presente do indicativo, formas compostas, formas nominais e pretérito perfeito.

Podemos constatar que o presente do indicativo é a variante morfológica que mais contribui para o uso do objeto nulo, com peso relativo de .84, seguido das formas compostas com .57, e do pretérito perfeito com .53.

Os informantes jovens favorecem o uso da variante nula, com o peso relativo de .59, logo após, os informantes de meia-idade com .52 e os mais velhos desfavorecendo o uso da variante com o peso relativo .15.

Entre os informantes jovens e os de meia-idade, a frequência de uso da estratégia inovadora é semelhante, com pouca diferença de número/porcentagem, enquanto os mais velhos a usam muito pouco. Como essa variável foi recusada pelo programa nada se pode afirmar quanto à probabilidade de uma mudança em curso.

O uso do objeto nulo, segundo a variável língua materna, mostra que os indivíduos que possuem língua nacional como língua materna apresentam um peso relativo de .85 com 17 ocorrências, enquanto que os falantes nativos do português alcançaram o peso relativo de .30.

O objeto direto anafórico: PB e PA

Embora seja uma forma prestigiada, o uso do clítico não é significativo entre os informantes paulistas, apesar de o *corpus* incluir informantes que possuem nível superior. Por sua vez, na comunidade de Luanda, o uso do clítico apesar de apresentar uma baixa frequência (27%), se comparado aos resultados de Duarte, ainda é uma estratégia em uso na língua falada.

Ao cruzar as variáveis estrutura sintática da oração e animacidade do referente, Duarte constata que a categoria vazia é favorecida pelo traço semântico [-animado], com 76,3%, independentemente da estrutura sintática em que se encontra. Constatamos, então, a semelhança dos resultados: tanto no dialeto paulista como na comunidade luandense, a categoria vazia é condicionada pelo traço semântico [-animado], haja vista sua alta frequência nas duas comunidades linguísticas.

### **Considerações finais**

Com a análise dos dados, tivemos uma visão geral do que ocorre com a variável objeto direto anafórico, na comunidade de Luanda. A análise quantitativa aponta como principais fatores condicionadores dessa variação, tanto linguísticos como extralinguísticos, os que seguem: escolaridade, estrutura da sentença e animacidade do referente.

Apesar de não terem sido selecionados pelo programa Goldvarb, algumas variáveis mereceram a nossa atenção como é o caso do tempo e forma verbal, a variável idade e da língua nativa do falante.

Um fato que merece destaque é a variável idade. Ao computar nossos dados, observamos que os falantes jovens e os de meia-idade usam mais frequentemente a categoria vazia, com pesos relativos de .59 e .52, respectivamente. Podemos inferir, portanto, que a estratégia inovadora está sendo utilizada pela maior parte dos informantes da comunidade.

Na comunidade de Luanda, o clítico é a segunda variante mais frequente, com um percentual de 27%. Tal percentual deve-se ao desempenho dos universitários. Por outro lado, o SN lexical tem o índice reduzido de apenas 11%, enquanto que no PB, Duarte detectou

17,1% das ocorrências. Podemos constatar, portanto, uma diferença entre nossos resultados e os de Duarte, com relação ao clítico e ao SN lexical. Enquanto no PB, o clítico com relação ao SN lexical é menos usado, no PA ocorre o contrário. No entanto, verificam-se semelhanças entre o PA e o PB, como o alto índice do uso da estratégia inovadora, o objeto nulo.

### Referências

- CÂMARA JR., J. Mattoso. Ele como acusativo no português do Brasil. In: CÂMARA JR., J. Mattoso; UCHÔA, C. E. Falcão (org.). *Dispersos*. Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1975, p.47-53.
- CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993, p. 163-184.
- DUARTE, M.E.L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, Fernando (org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas, SP: Pontes, UNICAMP, 1989, p.19-34.
- FIGUEIREDO, Maria Cristina Vieira de. *O objeto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro*. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- GALVES, Charlotte C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, Ian & KATO Mary A.(org.). *Português Brasileiro*. Uma viagem diacrônica. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 387-408.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno; Ma. Marta Pereira Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- MINGAS, Amélia A. *Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda*. Caxinde: Luanda, 2000.
- OMENA, Nelize Pires. *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. Rio de Janeiro, 1978. Dissertação (Mestrado em Linguística de Língua Portuguesa) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- PAGOTTO, Emílio G. Clíticos, mudança e seleção natural. In: ROBERTS, Ian & KATO Mary A.(org.). *Português Brasileiro*. Uma viagem diacrônica. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p. 185-206.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1986, p. 89-96.